



Psicologia em Estudo

ISSN: 1413-7372

revpsi@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Sofia Assunção, Raquel; Mena Matos, Paula
PERSPECTIVAS DOS ADOLESCENTES SOBRE O USO DO FACEBOOK: UM ESTUDO
QUALITATIVO

Psicologia em Estudo, vol. 19, núm. 3, julio-septiembre, 2014, pp. 539-547
Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287132694018>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

 redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

PERSPECTIVAS DOS ADOLESCENTES SOBRE O USO DO FACEBOOK: UM ESTUDO QUALITATIVO¹

Raquel Sofia Assunção²

Paula Mena Matos

Universidade do Porto, Porto, Portugal

RESUMO. Nos últimos anos temos assistido a um aumento exponencial do uso de redes sociais no contexto de utilização da internet, sendo atualmente o *facebook* a rede social mais utilizada em todo o mundo, nomeadamente por adolescentes. Neste contexto, torna-se relevante, do ponto de vista psicológico e social, compreender o modo como os adolescentes se relacionam com esta ferramenta e suas perspectivas têm sobre ela. O objetivo deste trabalho é compreender os posicionamentos de adolescentes quanto ao uso da rede social *facebook*, em particular no que concerne às dicotomias público/privado, real/virtual, riscos/benefícios e, ainda, o conceito de amizade. Este estudo recorreu ao método de investigação qualitativo de grupos focalizados. Participaram destes grupos vinte adolescentes, divididos em três grupos, controlados relativamente à idade e ao nível socioeconómico. Os resultados sugerem que os jovens distinguem entre a dimensão privada e a dimensão pública da utilização da rede social, que utilizam essencialmente a rede social *facebook*, para conhecer os acontecimentos das vidas de outros jovens e para comunicar-se com amigos e familiares. Os resultados sugerem ainda que em algumas situações os jovens consideram mais fácil partilhar algumas questões *online* ou que em contacto face a face, e que, no que concerne ao conceito de amizade na rede social, esta muitas vezes funciona como uma extensão das amizades da vida real.

Palavras-chave: Facebook; adolescência; grupos focalizados.

PERSPECTIVES OF ADOLESCENTS ABOUT FACEBOOK USE: A QUALITATIVE STUDY

ABSTRACT. Recent years have seen an exponential increase in the use of social networks in the context of Internet, being *facebook* actually the most used social network worldwide, namely by adolescents.. Therefore, it becomes relevant, from the psychological and social point of view, to understand what role this tool plays in the lives of adolescents. The main goal of this work is to understand the positions of teenagers over the use of social network *facebook* in particular regarding the public / private, real / virtual, risk / benefit dichotomies and the concept of friendship. This study used the qualitative research method of focus groups, attended by 20 teenagers, divided into 3 groups, controlled for age and socioeconomic status. The results showed that adolescents distinguish between the private and public dimension of the use of social networking; that they use the social network *facebook* to know what happens in the lives of others as well as to communicate with friends and family. The results also showed that in some situations adolescents find it easier to share *online* some issues than in face-to-face context and that with regard to the concept of friendship in social network, it often works as an extension of the real-life friendships.

Keywords: Facebook; adolescence; focus groups.

PERSPECTIVAS DE LOS ADOLESCENTES SOBRE EL USO DE FACEBOOK: UN ESTUDIO CUALITATIVO

RESUMEN. En los últimos años hemos sido testigos de un aumento exponencial en el uso de las redes sociales en el contexto del uso de Internet, Facebook es actualmente la red social más utilizada en todo el mundo, sobre

¹ *Apoio e financiamento:* Esta investigação foi realizada no âmbito do Programa Doutoral em Psicologia, financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) em Portugal, que atribuiu uma bolsa à primeira autora (SFRH/BD/79431/2011).

² *Endereço para correspondência:* Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Rua Alfredo Allen, 4200-135, Porto, Portugal. *E-mail:* pdpsi10033@fpce.up.pt.

todo para los adolescentes. Por lo tanto, es importante, desde el punto de vista psicológico y social, para entender el papel que juega esta herramienta en la vida de los adolescentes. El objetivo de este trabajo es conocer las posiciones de los adolescentes sobre el uso de la red social facebook, en particular con respecto a las dicotomías riesgo/beneficio; real/virtual; de público/privado y el concepto de la amistad. En este estudio se utilizó el método cualitativo de investigación de los grupos de enfoque, al que asistieron 20 jóvenes, divididos en 3 grupos, controlados por edad y nivel socioeconómico. Los resultados muestran que los jóvenes tengan una buena distinción entre la dimensión privada y pública del uso de las redes sociales, que utilizan esencialmente la red social facebook para saber lo que sucede en la vida de los demás, así como para comunicarse con amigos y familiares. Los resultados también muestran que en algunas situaciones los jóvenes les resulta más fácil compartir algunas preguntas en línea para el contacto cara a cara y que en relación con el concepto de la amistad en red social, a menudo funciona como una extensión de las amistades de la vida real.

Palabras-clave: Facebook; adolescencia; grupos de enfoque.

Tem-se assistido progressivamente à proliferação dos sistemas de rede, particularmente da internet, observando-se nos últimos anos a emergência de todo um campo de relações cibernéticas entre pessoas com os mesmos interesses, mas muitas vezes geograficamente dispersas. A socialização é um dos atrativos mais fortes desta ferramenta (Douglas et al., 2008), sendo responsável pelo tempo que os indivíduos passam em interação através de correio eletrónico, fóruns, *chats* ou redes sociais (Grohol, 2005), e a manutenção de relações interpessoais parece ser a principal razão para a comunicação mediada por computador (Bargh, & McKenna, 2004).

As redes sociais *online* mudaram a natureza das relações entre as pessoas, e desde o seu aparecimento atraíram milhões de utilizadores, que as integraram nas suas vidas diárias. Podemos definir uma rede social como um serviço cibernético que permite aos indivíduos construir um perfil público ou semipúblico acerca de si, a partir do qual estão articulados e partilham informação, o que permite que a sua informação seja vista por outros incluídos no mesmo sistema (Boyd, & Ellison, 2007). Torna-se de facto relevante refletir sobre esta nova era, uma era em que se assiste a "um modo de socialização e individuação inédito" (Lipovetsky, 1983, p. 7).

A rede social *facebook* foi criada em 2004, por Mark Zuckerberg, estudante de Harvard, e foi no contexto universitário que ela se expandiu exponencialmente até aos dias de hoje. Estatísticas atuais reportam que em Portugal existem atualmente cerca de 4.077.020 contas de *facebook*, o que representará 37,98% da população, sendo esse país o 34º do mundo em número de utilizadores dessa rede (fonte: *Facebook Statistics*). Um estudo reporta que cerca de 68% dos adolescentes portugueses

usam ativamente as redes sociais e 39% destes pensam ser seguro publicar informações pessoais online (Fonte: *Microsoft*). Este uso do *facebook* tem recebido particular atenção, pois poderá ter implicações no estabelecimento de relações e satisfação (Sheldon, Abad, & Hinsch, 2011), construção da identidade (Back et al., 2010), na aprendizagem (Kabilan, Ahman, & Abidin, 2010) e na privacidade (Hartzog, 2009).

A adolescência, faixa etária dos participantes deste estudo, é um período de transição no qual os jovens se encontram a resolver a tarefa da identidade, enfrentando profundas transformações nos sistemas emocional, cognitivo e comportamental, passando de jovens que estão a ser cuidados pelos pais, a adultos que poderão dar algo de si aos outros e cuidar (Allen & Land, 1999). Este é assim um período de separação/individuação, no qual os jovens ganham autonomia em relação às figuras parentais na tomada das suas opções, as quais deixam, progressivamente, de ocupar o papel central na rede de relações dos jovens para ser dada primazia às relações com os pares, que passam a ocupar um papel de referência (Meeus & Dekovic, 1995).

Deste modo, esta será a faixa etária mais suscetível à interferência da internet no seu quotidiano, sendo importante compreender o uso da rede social *facebook* nestas idades, nomeadamente as suas implicações no desenvolvimento de competências interpessoais e fulcrais, no estabelecimento de relações com os pares e no desenvolvimento da identidade (Mota & Matos, 2008). Jenkins- Guarnieri, Wright e Hudburgh (2012) mostraram que existe uma associação negativa entre o uso do *facebook* e a competência para iniciar relações sociais na adolescência, o que pode ser indicativo do papel desta rede social no desenvolvimento destas competências.

Nos últimos anos os investigadores têm-se debruçado sobre as mudanças que a internet introduz no quotidiano dos indivíduos e sobre as consequências psicológicas e sociais destas mudanças, e os dados encontrados têm sido divergentes, sobretudo no que respeita às questões da promoção da sociabilidade ou da alienação social. Alguns estudos indicam que a internet tem consequências positivas ao nível da interação social, permitindo a comunicação com os outros e com o mundo (Parks, & Floyd, 1996; Valkenburg, Schouten, & Peter, 2005). Outros sugerem que tem essencialmente consequências negativas, retirando os seus utilizadores de situações sociais genuínas (Kraut et al., 1998).

O crescente uso da internet tem de facto dado origem a um intenso debate acerca do seu impacto no ajustamento social. Alguns estudos têm revelado as repercuções deste modo de comunicação na vida dos adolescentes, sendo o principal argumento o de que a internet retirará os seus utilizadores de situações sociais genuínas e levará ao empobrecimento da participação na vida social (Kraut et al., 1998). Por outro lado, diversos investigadores chamam a atenção para o potencial das novas tecnologias no melhoramento da vida social dos indivíduos, permitindo-lhes envolver-se mais facilmente em relações de comunicação (Parks & Floyd, 1996). Valkenburg e Peter (2009) sugerem que jovens que se envolvem em experiências de identidade na internet, mais regularmente se comunicam *online* com pessoas de diferentes culturas, o que tem efeitos positivos no desenvolvimento da sua competência social. Num estudo acerca da comunicação face a face e comunicação pelo *facebook*, Grieve, Indian, Witteveen, Tolan, e Marrington (2013) referem que o *facebook* pode fornecer uma oportunidade para o desenvolvimento e manutenção das relações *online*, e que estas relações parecem estar associadas a menores níveis de depressão e ansiedade e a maiores níveis de satisfação com a vida.

No que concerne a algumas dicotomias resultantes desta utilização, alguns autores encontraram que no uso da rede social *facebook* as noções do público e do privado se confundem, tornando-se difícil distinguir as barreiras entre estes dois conceitos, sendo que os jovens consideram o *facebook* como uma extensão da sua esfera privada (West, Lewis, &

Currie, 2009). Relativamente ao estabelecimento de relações na rede social, alguns estudos revelam que as redes sociais poderão ser uma extensão do contexto real de interação, podendo até muitas vezes ser um substituto para a forma de comunicação face a face, por se revestirem de outros contornos que facilitarão a comunicação (Kujath, 2011).

Facilmente entendemos assim que na sociedade contemporânea a compreensão do desenvolvimento psicosocial do adolescente requer a integração destas novas esferas virtuais e da comunicação mediada por computador, as quais se constituem como novos contextos de experimentação, ensaio e aprendizagem de competências e atitudes perante o mundo e os outros. Brown (2006) escreveu que os jovens adultos, no início do século XXI “poderiam ser conhecidos como a nova geração dos meios de comunicação” (pág. 279), uma vez que constituem uma geração cada vez mais envolvida em qualquer tipo de meio de comunicação várias horas por dia. Para os jovens desta geração, as tarefas desenvolvimentais relacionadas com o comportamento social e as competências interpessoais estão a ser realizadas *online* (Brown, 2006), muitas vezes através de redes sociais como o *facebook*.

Os estudos empíricos realizados acerca da rede social *facebook* e suas implicações no estabelecimento de relações com os outros são parcos, o que levou a uma orientação exploratória do presente estudo, tendo sido tomadas opções metodológicas consistentes com esta orientação. Neste sentido, recorreu-se ao método de investigação de grupos focalizados, que consiste num método qualitativo de recolha de dados no qual um ou dois investigadores se encontram num grupo e debatem uma temática específica (Mack, Woodsong, MacQueen, Guest, & Namey, 2005). O propósito deste método é ajudar os investigadores a compreender as normas sociais de um determinado grupo, bem como as diferentes perspetivas acerca de um tópico, utilizando um guião semiestruturado, por oposição à dicotomia das respostas “sim/não”. O grupo focalizado cria um processo de partilha e comparação entre os participantes, permitindo gerar uma compreensão rica das experiências e crenças dos participantes. Este processo permitiu escutar as perspetivas em debate pela voz dos adolescentes e conhecer o seu sentido

crítico, os dilemas em que se encontram e as potencialidades dos diferentes usos da internet e da rede social *facebook*.

Deste modo, o principal objetivo do estudo foi compreender o(s) sentido(s) crítico(s) dos adolescentes sobre o uso do *facebook* e compreender os seus posicionamentos perante algumas dicotomias decorrentes deste uso. Nomeadamente: (a) como se posicionam perante a dimensão público-privado, i.e., o que é que pode ser publicado nas redes sociais e o que é do domínio do privado; (b) como fazem a distinção entre o virtual e o real, i.e., em que medida e como problematizam os adolescentes os benefícios e os riscos associados ao uso do *facebook* e que medidas tomam para minorar os últimos; e (c) compreender o conceito de amizade, designadamente, procurar perceber se estes jovens adicionam pessoas indiscriminadamente no seu perfil ou se adicionam preferencialmente pessoas com quem convivem, ou se existirão outros critérios.

MÉTODO

Participantes

Participaram no estudo 20 indivíduos, divididos em três grupos focalizados distintos: um grupo com oito indivíduos com idades de 15 e 16 anos ($M = 15.5$ $DP = .53$), um grupo com seis indivíduos de 17 e 18 anos a iniciar a vida universitária ($M = 17.5$ $DP = .55$) e um grupo com seis indivíduos de 17 e 18 anos a terminar o ensino secundário ($M = 17.3$ $DP = .52$). Foram controlados dois grupos no que respeita às variáveis sexo e nível socioeconómico foram controlados dois grupos ou indivíduos: um grupo com cinco elementos do sexo feminino e um indivíduo do sexo masculino. Estes indivíduos foram recrutados de entre escolas secundárias, universidades e associações de jovens do norte de Portugal.

Materiais

Neste estudo foi utilizado um roteiro para a condução dos grupos focalizados que incidiu essencialmente em cinco temáticas da utilização da rede social *facebook*: (a) opinião geral acerca da utilização da internet e seu impacto na actualidade; (b) a rede social *facebook*, adesão à rede, vantagens e desvantagens; (c) dicotomia público/privado, explorando as publicações na rede social; (d) dicotomia real/virtual, procurando

a distinção ou não entre relacionamentos reais e virtuais; e (e) amizades na rede social *facebook*, o contacto face a face versus o contacto *online*, implicações da rede social na criação e manutenção de laços de amizade, amizade na rede com figuras parentais.

Procedimento

Os grupos focalizados foram realizados na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto com alunos do primeiro ano, numa associação de jovens do Norte do país e numa escola secundária da mesma região. A participação nos grupos focalizados foi voluntária e os indivíduos foram informados de todo o procedimento, sendo-lhes dada a possibilidade de dirimir dúvidas e de desistir da participação se assim o desejassem. Os grupos focalizados foram gravados com o consentimento informado de todos os participantes adultos bem como dos pais dos participantes menores de idade. A análise de dados foi efetuada com recurso ao Software NVivo. Os dados tiveram uma codificação aberta, de acordo com os princípios da teoria fundamentada e foi usada a comparação constante, comparando-se e contrastando-se os dados qualitativos à procura de semelhanças e diferenças. Foi conduzida codificação axial, codificando e criando subcategorias nas categorias e estas foram refinadas e integradas, sofrendo assim codificação seletiva (Charmaz, 2006; Strauss, & Corbin 1998).

RESULTADOS

As análises foram orientadas de acordo com as cinco temáticas supraordenadas:

- Opinião geral acerca da utilização da internet e seu impacto na actualidade;
- A rede social *facebook*, adesão à rede, vantagens e desvantagens;
- Dicotomia público/privado, explorando as publicações na rede social;
- Dicotomia real/virtual;
- Amizades na rede social *facebook*.

Opinião geral acerca da utilização da internet e seu impacto na actualidade

De um modo geral, os indivíduos entendiam a internet como uma ferramenta de enorme

importância na vida atual, estando presente em várias tarefas quotidianas; no entanto poderemos referir que os jovens se situam diante desta ferramenta em dois polos com algumas diferenças: se por seu lado existe uma tendência a considerar a internet uma ferramenta imprescindível - "Hoje em dia não era possível viver sem internet"; "Se por exemplo se estabelecesse uma semana sem internet, nem dá para imaginar", outros jovens consideram que, como esta é uma ferramenta relativamente recente, se não lhes fosse possível possuí-la, as pessoas iria naturalmente adaptar-se: "Primeiro também não existia internet e as pessoas viviam, por isso agora ia ser igual".

Os jovens consideraram que as mudanças introduzidas por esta ferramenta foram enormes, sendo as principais mudanças referenciadas a aproximação entre as pessoas que se encontram distantes, o rápido acesso à informação e a realização de tarefas quotidianas: "Graças à internet podemos comunicar com pessoas que estão longe de nós, amigos, familiares, podemos saber o que se passa no mundo inteiro"; "Permite-nos ir ao banco, fazer compras, hoje em dia podemos fazer quase tudo sem sair de casa, as pessoas até podem trabalhar em casa"; "Quando não sabemos alguma coisa basta ir ao Google e já está, sabemos logo tudo; é muito bom para fazer trabalhos".

A rede social facebook

A rede social *facebook* foi apontada como uma grande invenção da atualidade, e em termos de redes sociais, como a mais avançada e atual e a preferencialmente utilizada pelos jovens: "O *facebook* é o último grito, é espetacular"; "É muito melhor que o *Hi5* e o *Messenger*, isso já era!", "agora é tudo no *facebook*, o pessoal já nem vai falar ao *Messenger*".

Relativamente à adesão à rede, surgiram essencialmente duas posições: enquanto alguns jovens referiram ter-se sentido, de alguma forma, pressionados a aderir, porque os assuntos entre os colegas giravam em torno desta temática, outros referiram que a adesão se devera, sobretudo, à curiosidade em saber como era a rede social: "Toda a gente falava dos jogos, e na escola toda a gente falava do *facebook* e eu não queria ficar de fora"; "Não, não senti grande pressão social, tinha curiosidade porque ouvia falar muito do *facebook* e queria saber como era,

mas não me senti pressionada"; "Claro que de uma certa forma posso dizer que ouve pressão, mas sei lá, prefiro pensar que não aderi só porque os outros falavam nisso".

No que respeita aos usos, foram apontados como preferenciais o uso do *facebook* para saber o que se passa na vida dos outros, para jogar a vários jogos, para conversação *online* e para obter informação sobre eventos: "Basicamente, vou ao *facebook* para saber o que se passa...parece um bocado de coscuvilhice, mas é verdade, porque lá sabe-se tudo, e tudo às vezes é mesmo tudo"; "Toda a gente falava naqueles jogos e eu criei para também poder jogar e perceber de que é que eles estavam a falar, e agora passo o tempo quase todo a jogar, *Sim's* que é muito fixe"; "vou lá para conversar com os meus amigos, saber novidades".

Quando se exploraram as vantagens que os jovens encontram na rede social *facebook*, observou-se que estas passavam em grande medida como a possibilidade de contactar-se com familiares e amigos distantes ou com quem se perdeu o contacto: "Permite-nos contactar com pessoas que não vemos há muito tempo, depois descobrimos essas pessoas no *facebook*"; "Estamos sempre em contacto com as pessoas, sabemos coisas da vida delas mesma que elas não estejam por perto" - e a obtenção de informação: "Hoje em dia também se tem acesso a muitos eventos, workshops, formações através do *facebook*, nesse sentido acho que é vantajoso porque nos permite estarmos informados acerca de coisas que nos podem ser úteis".

No tocante às desvantagens apontadas pelos adolescentes, eles ressaltaram sobretudo as questões da exposição e dos perigos que ela pode acarretar. Assim sendo, os jovens consideram que o mais negativo do uso da rede social é que a exposição poderá ter consequências negativas, mas na sua opinião, tal só acontecerá se cada utilizador por si mesmo não controlar as suas definições de privacidade e as suas próprias publicações: ("tem coisas boas e tem coisas más, como tudo; o mau é que há pessoas mal-intencionadas que podem usar o *facebook* para se fazer passar por outras pessoas, ou que podem usar informação nossa para nos fazer alguma coisa"); no entanto revelaram que as questões da segurança para eles não eram uma preocupação premente e constante: ("Claro que mesmo com algumas definições de segurança há sempre riscos, no

entanto acho que quando estamos a usar não pensamos muito nisso, ninguém se lembra disso tudo todos os dias"; "Nós sabemos que aquilo é visto por muita gente, mas sei lá, não penso muito nisso, também não publico nada de extraordinário").

Dicotomia público/privado

Quando explorada a temática daquilo que se situa numa esfera pública - e como tal publicável na rede social -, e daquilo que se situa na esfera privada dos adolescentes, eles revelaram que aquilo que expunham no *facebook* não era aquilo que conversavam em privado com os amigos, isto é, uma coisa seriam as publicações no *facebook*, nas quais referiram não incluir nada de muito íntimo, e outra coisa seriam os seus problemas e as suas conversas mais íntimas com os amigos: ("Claro que não vou publicar coisas que são só minhas para toda a gente ver"; "Eu só publico no meu *facebook* coisas que qualquer pessoa pode ver, por isso não me preocupo"). Surgiu também a noção de que é possível manter coisas privadas, mesmo através do uso da rede social: ("Quando são coisas só minhas, só permito que vejam os amigos mais próximos ou envio uma mensagem privada ou assim").

Explorada a temática das publicações de outras pessoas incluídas na sua rede social, os jovens mostraram-se muito críticos quanto a determinado tipo de publicações a que assistem: ("Vê-se cada coisa, há pessoal que publica cada coisa que eu não comprehendo", "detesto aquele pessoal que faz do *facebook* um diário e passa o dia a contar tudo o que está a fazer, que horror"; "Aquelhas pitas vão para o *facebook* fazer declarações de amor e até mesmo escrever coisas para as amigas que não têm lógica nenhuma").

Quando introduzida a temática das suas próprias publicações e questionados acerca do arrependimento que pudessem ter em relação a elas, enquanto alguns jovens foram perentórios e referiram que só publicavam coisas banais e como tal não se arreenderam nunca das suas publicações, outros referiram que já ter-se arrependido mais tarde de algumas publicações que fizeram na rede social: ("Não coloco lá nada que toda a gente não possa saber, não tenho porque me arrepender"; "Sim, já me arreendi de uma coisa que publiquei, depois achei aquilo ridículo e apaguei, porque percebi que não fazia sentido").

Quanto à distinção entre o contexto quotidiano real e o virtual, os jovens revelaram distinguir perfeitamente estes conceitos. Eles referiram que com os amigos próximos o contexto virtual é semelhante ao contexto real, mas com pessoas desconhecidas os contextos real e virtual são claramente distintos. Surgiu ainda a noção de que as relações exclusivamente virtuais poderão ser pautadas pela mentira, propícia nestes contextos sem contacto face a face: ("Com os meus amigos estar no *facebook* e igual a estarmos na escola ou assim"; "Claro que as relações que são só na net não são como as relações com as pessoas que conhecemos, e ainda por cima as pessoas podem estar a mentir, nós nunca sabemos se aquilo que dizem é verdade").

Amizades na rede social *facebook*

Explorando as amizades na rede social *facebook*, muito frequentemente os jovens referiram que têm um elevado número de amigos na rede social: ("Sei lá, tenho quase mil mais ou menos"; "Tenho por volta de uns trezentos e qualquer coisa"; "tenho muitos amigos no *facebook*, a gente vai adicionando as pessoas que conhece"). Quando lhes foi perguntado quem eram estes amigos na realidade, os jovens referiram que eram sempre pessoas que eles conheciam, embora fossem muito íntimos dessas pessoas: ("São amigos próximos e conhecidos de vista, não adiciono pessoas que não conheça, ou que nunca tenha visto pelo menos uma vez"; "São pessoas da escola, pessoas daqui, familiares, amigos meus que estão longe").

No que tange à natureza destas relações, os jovens referiram que as suas relações com os amigos próximos eram iguais no *facebook* e no contexto real, parecendo as conversações *online* uma extensão da relação face a face, porém a relação com as pessoas conhecidas que estava no perfil revestia-se de contornos ligeiramente distintos, uma vez que estes relacionamentos poderiam por vezes ser mais próximos *online* do que no contexto real: ("Há pessoas com quem eu até nem falo mas que depois comentam o meu mural ou as minhas fotografias.").

Quando foi abordada a questão da confrontação entre aquilo que é dito num contacto face a face ou num contacto virtual, os jovens afirmaram que existem questões mais fáceis de partilhar num contacto *online* do que num contacto face a face, sobretudo pelo facto de

não terem que lidar com a reação instantânea da pessoa com quem estão a falar: (*“É muito mais fácil claro, podemos dizer muitas coisas sem ter que ver a cara da pessoa, também é melhor para quem é tímido”*: *“As vezes queremos dizer coisas que não são muito boas, e assim sempre é mais fácil”*).

Uma temática que surgiu quando das entrevistas foi a questão de propor ou receber uma proposta de amizade no *facebook* em se tratando de figuras parentais. Muitos jovens afirmaram que os seus pais pertenciam à sua rede social *facebook*. Estes jovens dividem-se em dois grupos. Um deles não tem qualquer problema com esse facto, referindo que as suas publicações não são secretas nem comprometedoras, de forma que as figuras parentais podem ter-lhes acesso, enquanto o outro afirmou que de facto sentia a sua liberdade de publicação limitada, porque sabia que os pais poderiam ter acesso ao que publicavam e também a eventuais fotografias: (*“A minha mãe pode ver perfeitamente tudo que eu tenho lá, não tenho segredos no facebook, as coisas que são só minhas mesmo não vou publicar no facebook”*; *“Claro que eu não publico tudo que me apetece porque sei que eles podem ver, e por exemplo asneiras, ou coisas que eu não quero que eles saibam não vou colocar no facebook”*).

Quando os pais dos jovens possuíam *facebook* e os adicionavam à rede social, alguns jovens acreditavam que a adesão parental não se deveria a uma tentativa de controlo das suas publicações, sendo essa adesão conotada como curiosidade e até mesmo como meio de comunicar-se com amigos e familiares, enquanto outros revelaram que pensavam ter sido uma boa forma de saber o que acontecia nas suas vidas quotidianas: (*“A minha mãe criou facebook para jogar e para ter os amigos dela. Temos uma boa relação, quando ela quer saber alguma coisa conversamos, não precisa de ir ao facebook”*; *“Eu sei que de certa forma ela criou também para saber o que se passa, para estar por dentro, mas às vezes também é complicado para mim”*).

DISCUSSÃO

As novas tecnologias trazem novos desafios para a compreensão do desenvolvimento humano e para intervenção psicológica, por isso

se torna relevante compreender em que medida estas novas formas de comunicação poderão influenciar o estabelecimento de relações sociais entre os adolescentes e o mundo que os rodeia. Era objetivo principal deste estudo compreender o(s) sentido(s) crítico(s) dos adolescentes quanto ao uso da rede social *facebook*, bem como o seu posicionamento diante de algumas dicotomias decorrentes deste uso. Este estudo apresenta uma natureza exploratória, dada a escassez de estudos publicados nesta temática.

Podemos ressaltar alguns resultados que poderão iluminar a perspetiva crítica dos adolescentes acerca da utilização da rede social *facebook*. Na exploração da percepção que os jovens têm acerca da utilização da internet e da rede social *facebook*, compreendemos que os adolescentes consideram a internet como um meio de ligação com o mundo indispensável na vida quotidiana. Efetivamente, a socialização surgiu como o principal atrativo da internet (Douglas et al., 2008), ao permitir um modo de comunicação inigualável. De facto, a internet foi identificada como uma ferramenta de comunicação que poderá ser importante para jovens com alguma dificuldade nas competências sociais, sendo identificada pelos jovens como uma forma de comunicação positiva em casos de timidez e de distância geográfica, o que vai ao encontro dos dados sugeridos por alguns autores (Parks, & Floyd, 1996; Valkenburg, Schouten, & Peter, 2005); no entanto detetámos que os adolescentes têm uma boa compreensão acerca dos riscos associados à utilização destas ferramentas, mas não consideram o *facebook* como uma ferramenta que traga alienação social ou empobrecimento das relações sociais, ao contrário do referido em alguns estudos (Kraut et al., 1998). É certo que no presente estudo apenas escutámos as opiniões dos adolescentes, e não acompanhámos as suas práticas efectivas do uso do *facebook*, por isso poderá haver alguma defasagem entre os discursos quanto aos riscos e aos comportamentos implementados.

Os nossos resultados sugeriram que os jovens distinguem as noções de público e de privado, estando conscientes das diferenças entre aquilo que é do domínio da sua privacidade e do domínio das suas publicações *online*, pelo que estas fronteiras não serão tão confusas e indistintas quanto o apontado por alguns estudos (West, Lewis, & Currie, 2009).

Por outro lado, Livingstone (2008) refere que entre adolescentes as definições de privacidade não parecem estar ligadas à revelação pessoal. No que concerne à dicotomia real/virtual, efetivamente o presente estudo, assim como um estudo anterior (Kujath, 2011), apoiou também a ideia de que as relações nas redes sociais funcionarão como uma extensão das relações face a face e de que estes jovens, na sua maioria, acreditam efetivamente que em muitas situações de interação social é mais fácil recorrer à comunicação *online* do que à comunicação no contexto face a face (Kujath, 2011). Esta preferência levanta naturalmente algumas questões. Efetivamente, os dados sugeriram que a presença de pistas não verbais poderá muitas vezes ser inibidora ou dificultadora da comunicação, pela necessidade dos adolescentes de lidar com expressões faciais e reações momentâneas, o que tornará importante aprofundar o porquê desta fuga dos jovens ao contacto face a face, sobretudo quando aquilo que têm a dizer tem implicações nos sentimentos e emoções experienciados pelos receptores das suas mensagens.

As relações de amizade na rede social revelaram-se também um campo de estudo que deve ser aprofundado, uma vez que estes adolescentes identificaram as suas relações de amizade na rede social de uma forma muito distinta do estabelecimento de relações na vida real. Se, por um lado, os seus perfis contêm os seus amigos próximos, e com estes a comunicação se estende da realidade ao contexto virtual, por outro, contêm também inúmeros conhecidos e até alguns desconhecidos na grande maioria dos utilizadores. Assim, poderá ter interesse compreender o porquê do estabelecimento destas relações meramente virtuais e desta necessidade de possuir um elevado número de amigos no perfil. Será este número, assim como o número de postagens do “gosto” nas comunicações, uma forma de prestígio social dos adolescentes e simultaneamente de pressão social? Contrariamente ao sugerido noutro estudo (West, Lewis, & Currie, 2011), os nossos adolescentes, em sua grande maioria, têm as figuras parentais no seu grupo de amigos da rede social *facebook* e quase nunca preocupações com este facto. Estudos futuros deverão aprofundar de que modo estas novas tecnologias transformam os modos de comunicação na família e trazem novos

contornos à realização das tarefas de separação/individuação dos adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação apresenta algumas limitações, nomeadamente na recolha da sua amostra e também no seu tamanho, que é reduzido, como habitual neste tipo de estudos de cariz qualitativo, podendo existir algumas perspetivas que não tenham sido captadas pelo nosso estudo. Também a timidez de alguns elementos presentes nos grupos focalizados poderá ter levado a uma inibição nas suas respostas e, consequentemente, à perda de alguma informação. A amostra escolhida não foi aleatória, o que faz com que possa existir algum enviesamento nos dados recolhidos, uma vez que os jovens que se voluntariaram para a participação poderão também ser já, de alguma forma, jovens mais comunicativos e com boas capacidades de relacionamento interpessoal, perdendo-se a perspetiva daqueles que socialmente não se sentirão tão confortáveis, crucial nesta utilização das redes sociais.

Como este estudo centra-se num campo de investigação muito recente, existindo muito poucos estudos realizados neste domínio, por isso revela-se importante e inovador. Dado o crescimento exponencial do uso das novas tecnologias pela população adolescente, torna-se fundamental compreender os contornos e implicações psicossociais desta utilização para o estabelecimento de relações com os pares e com o mundo. O nosso estudo ressaltou uma série de temáticas importantes, mostrando como pensam os nossos jovens sobre a utilização da rede social *facebook*.

É importante aprofundar alguns dos dados deste estudo exploratório, no sentido de compreender melhor algumas ideias que surgiram durante os grupos focalizados. Poderá ter interesse a realização de um estudo de cariz quantitativo, procurando compreender estes dados e utilizando, de alguma forma, a informação obtida nestes grupos, pelo que neste momento é nosso objetivo prosseguir com esta linha de investigação. Poderá também ser útil aprofundar as questões da construção da identidade dos adolescentes e a sua relação com a utilização das redes sociais, pelo facto de estas potenciarem experiências de moratória psicossocial de uma forma muito particular.

REFERÊNCIAS

- Allen, J., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy, & P.R. Shaver (Ed), *Handbook of attachment: theory, research, and clinical application* (pp. 319-335). New Work: The Guilford Press.
- Back, M., Stropfer, J., Vazire, S., Gaddis, S., Schmukle, S., Egloff, B., & Gosling, S. (2010). Facebook profiles reflect actual personality, not self-idealization. *Psychological Science*, 21, 372-374.
- Bargh, J.A., & McKenna, K. (2004). The internet and social life. *Annual Review of Psychology*, 55, 573-90.
- Boyd, D., & Ellison, N. (2007). Social network sites: definition, history, and scholarship. *Journal of Computer Mediated Communication*, 13, 210-230.
- Brown, J. (2006). Emerging adults in a media-saturated world. In J. Arnett, & J. Tanner. (Eds.), *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century* (pp. 279-299). New York, NY: American Psychological Association.
- Charmaz, K. (2006). *Constructing grounded theory: A practical guide through qualitative analysis*. London: Sage.
- Douglas, A., Milss, J., Niang, M., Stepchenkova, S., Byun, S., Ruffini, C., Lee, S., Loutfi, J., Lee, J., Atallah, M., & Blanton, M. (2008). Internet addiction: meta-synthesis of qualitative research for the decade 1996-2006. *Computers in Human Behavior*, 24, 3027-3044.
- Grieve, R.M., Indian, M., Witteveen, K., Tolan, G.A., & Marrington, J. (2012). Face-to-face or Facebook: Can social connectedness be derived online? *Computers in Human Behavior*, 29, pp. 604-609.
- Grohol, J. (2005). Internet addiction guide. Recuperado de <http://psychcentral.com/netaddiction/>.
- Hartzog, W. (2009). The privacy box: A software proposal. *First Monday: Peer-Reviewed Journal*, 14. Recuperado de <http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/2682/2361>.
- Jenkins-Guarnieri, M., Wright, S., & Hudiburgh, L. (2012). The relationships among attachment style, personality traits, interpersonal competency, and facebook use. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 33, 294-301.
- Kabilan, M., Ahmad, N., & Abidin, M. (2010). Facebook: An online environment for learning of English in institutions of higher education? *Internet & Higher Education*, 13, 179-187.
- Kraut, R., Paterson, M., Lundmark, V., Kiesler, S., Mukopadhyay, T., & Scherlis, W. (1998). A social technology that reduces social involvement and psychological well-being? *American Psychologist*, 53, 1017-1031.
- Kujath, C. (2011). Facebook and Myspace: complement or substitute for face-to-face interaction. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 14, 75-78.
- Lipovetsky, G. (1983). *A era do vazio*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Livingstone, S. (2008) Taking risky opportunities in youthful content creation: teenagers' use of social networking sites for intimacy, privacy and self-expression. *New Media & Society*, 10; 393-411.
- Mack, N., Woodsong, C., M. MacQueen, K., M. Guest, G. & Name, E. (2005). *Qualitative Research Methods: A Data Collector's Field Guide*. Family Health International. Research Triangle Park, NC, USA.
- Meeus, W., & Dekovic', M. (1995). Identity development, parental and peer support: Results of national Dutch survey. *Adolescence*, 30, 931-944.
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2008). Competências sociais e variáveis relacionadas em adolescentes. *Psicologia, Educação e Cultura*, 12, 61-86.
- Parks, M.R., & Floyd, K. (1996). Making friends in cyberspace. *Journal of Communication*, 46, 80-97.
- Sheldon, K., Abad, N., & Hinsch, C. (2011). A two-process view of Facebook use and relatedness need-satisfaction: Disconnection drives use, and connection rewards it. *Journal of Personality and Social Psychology*, 100, 766-775.
- Strauss, A., & Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Valkenburg, P., & Peter, J. (2009). Adolescents' identity experiments in the internet: Consequences for social competence and self-concept unity. *Communication Research*, 35, 208-231.
- Valkenburg, P. M., Schouten, A. P., & Peter, J. (2005). Adolescents' identity experiments on the Internet. *New Media and Society*, 7, 383-402.
- West, A., Lewis, J., & Currie, P. (2009). Students' facebook 'friends': public and private spheres. *Journal of Youth Studies*, 12, 615-627.

Recebido em 07/07/2013

Aceito em 08/08/2014

Raquel Sofia Assunção: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto; Centro de Psicologia da Universidade do Porto.

Paula Mena Matos: doutora pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, onde é professora auxiliar; Centro de Psicologia da Universidade do Porto.